

***Quem fala e o que diz: O impacto da im-
agem do endogrupo na identificação social
dos seus membros***

Rafael Alexandre Marques Carvalho

M

2019



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

***QUEM FALA E O QUE DIZ: O IMPACTO DA IMAGEM DO ENDOGRUPO NA
IDENTIFICAÇÃO SOCIAL DOS SEUS MEMBROS***

Rafael Alexandre Marques Carvalho

Outubro, 2019

Dissertação apresentada para o Mestrado Integrado em Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do
Porto, supervisionado pelo Professor Doutor *José Marques*
(F.P.C.E.U.P.)

AVISOS LEGAIS

O conteúdo deste relatório reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Ao entregar esta dissertação, o autor declara que o mesmo é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências.

O autor declara, ainda, que não divulga no presente relatório quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor José Marques, por me abrir a porta da psicologia social e por sempre ter estado disponível para me fomentar curiosidade, questionar e corrigir, independentemente de todas as adversidades. Em nenhum momento me senti sozinho neste projeto, muito obrigado por toda paciência e apoio!

À Professora Doutora Isabel Rocha Pinto, que apesar de não ser minha coorientadora oficialmente, é uma das coautoras deste trabalho. Esteve presente ao longo de todo o processo e as suas contribuições foram cruciais para o trabalho final. Perdoe-me todo o tempo que “roubei”.

A todo pessoal do Laboratório, que de forma direta ou indireta contribuíram para o resultado final deste trabalho, espero o maior sucesso académico e profissional para todos. Um agradecimento particular à Catarina Carvalho, pela ajuda com o *Qualtrics* e por estar sempre disponível para responder a tantas questões.

Muito obrigado a todos os amigos que fiz nesta instituição por terem partilhado este percurso académico comigo. Guardo com carinho vários nomes que marcaram a minha passagem por esta faculdade e que espero manter no futuro.

À Looney Tuna, onde encontrei uma família. Obrigado pela formação musical, pelo companheirismo e tantas horas de boémia. Foi, é e será, um prazer tocar convosco!

Aos meus pais, por todo o sacrifício realizado todos estes anos, para que eu pudesse continuar a perseguir os meus sonhos e por nunca me imporem barreiras a estes.

E à minha companheira, Daniela Alves, que me acompanhou durante todo o percurso. Obrigado por seres o meu porto seguro onde posso limpar a cabeça para poder continuar, sem a tua paciência, compreensão e carinho este percurso teria sido bem mais difícil. Mereces bem mais do que *meio canudo*!

Resumo

A Teoria da Identidade Social (TIS, p.e. Tajfel & Turner, 1986) sugere que os indivíduos procuram manter uma imagem positiva de si e, conseqüentemente do endogrupo, com base numa motivação para assegurar uma identidade social positiva. Complementarmente, a Teoria da Dinâmica de Grupos Subjetiva (TDGS, p.e. Marques & Páez, 1994) sugere que, os membros desviantes que ameaçam as normas que legitimam essa identidade social positiva são depreciados pelos restantes membros. Neste estudo (N = 164), verificamos que um membro do endogrupo que transmitia uma imagem favorável do grupo aumentou a expressão de patriotismo por parte dos participantes. Além disso, quando a mensagem positiva era transmitida por um emissor do exogrupo, os participantes mostraram emoções positivas mais fortes do que quando o emissor era membro do ingroup, o que sugere que a expressão de uma imagem favorável ao endogrupo produz maior validação social quando provém de um emissor do exogrupo. Ao contrário da nossa hipótese, o emissor do endogrupo que transmitia uma imagem negativa do grupo não foi depreciado. No entanto, houve um aumento do favoritismo endogrupal quando a imagem do endogrupo era negativa e a legitimação da acção do endogrupo era alta, o que pode traduzir uma resposta reactiva de defesa da identidade social face a uma mensagem negativa acerca do endogrupo.

(212 palavras)

Palavras-chave: imagem do endogrupo; dinâmica de grupos subjetiva; reação ao desvio; proteção da identidade social; patriotismo; guerra

Abstract

Social Identity Theory (SIT, e.g. Tajfel & Turner, 1986) suggests that individuals attempt to maintain a self positive image and, consequently of the ingroup, based on a motivation to secure an ingroup's social identity. In addition, Subjective Group Dynamics Theory (SGDT, e.g. Marques & Páez, 1994) proposes that, deviant ingroup members who threaten the norms that legitimate that positive social identity are deprecated by the remaining group members. In our study (N = 164), we observed that an ingroup member who transmitted a positive image about the ingroup increased participants' expressions of patriotism. Moreover, when the person transmitting the positive ingroup image was an outgroup member, participants expressed stronger positive emotions than when the person was an ingroup member, suggesting that the former case generates stronger social validation than the latter. Contrary to our prediction, the ingroup member who transmitted a negative ingroup image was not derogated. However, ingroup favoritism increased when the ingroup's image was negative but the legitimacy of the ingroup action was high, suggesting participants' reactive response aimed to their positive social identity when faced with a negative message regarding their group.

(185 words)

Key-words: ingroup's image; subjective group dynamics; reaction to deviance; social identity's protection; patriotism; war

Résumé

La théorie de l'identité sociale (SIT, par ex., Tajfel & Turner, 1986) suggère que les individus essaient de maintenir une image favorable d'eux-mêmes et en conséquence, de l'endogroupe, en base d'une motivation pour garantir une identité sociale positive. D'autre part, la théorie de la dynamique de groupes subjective (SGDT, par ex., Marques & Páez, 1994) propose que les membres déviants de l'endogroupe qui menacent les normes légitimatrices de l'identité sociale positive des autres membres sont évalués négativement par ceux-là. Dans cette étude ($N = 164$), nous avons observé qu'un membre de l'endogroupe qui émettait un message favorable à l'endogroupe national augmentait l'expression de patriotisme par les participants. En plus, lorsque l'émetteur du message était un membre de l'exogroupe, les participants exprimaient des émotions positives plus fortes que lorsque l'émetteur appartenait à l'endogroupe, ce qui suggère que dans le premier fournit une validation sociale plus forte de l'identité sociale positive des participants que le second. Contrairement à notre hypothèse, l'émetteur de l'endogroupe qui transmettait une image négative du groupe n'a pas été déprécié. Cependant, le favoritisme pro-endogroupe a augmenté lorsque l'image transmise était négative, mais les participants attribuaient une forte légitimité à l'action de l'endogroupe, ce qui peut correspondre à une réponse réactive de la part des participants de façon à protéger leur identité sociale face à un message négatif concernant l'endogroupe.

(221 mots)

Mots-Clés: image de l'endogroupe; dynamique de groupes subjective; réaction à la déviance; protection de l'identité social; patriotisme; guerre

Enquadramento Teórico

A Guerra do Ultramar Português ou Guerra Colonial (designações referentes a cargas ideológicas distintas; cf. Marques, Páez & Serra, 1997) foi uma guerra entre Portugal e os movimentos de libertação de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, movimentos que lutavam pela independência daquelas colónias. A guerra ocorreu entre 1961 e 1974, data do fim do Estado Novo em Portugal. Nela morreram mais de 8 mil militares portugueses, para além de muitos resistentes oriundos daquelas colónias, e várias dezenas de milhares sofreram ferimentos de algum tipo. Hoje, 45 anos após o termo da guerra, muitos ex-combatentes continuam a sofrer consequências físicas e/ou psicológicas, e, para a generalidade da população portuguesa, a guerra está associada, quer a um sentimento de culpa, quer a uma manifestação do poder de Portugal. Estas associações estarão, provavelmente, associadas a posições ideológicas e a experiências de vida distintas. Neste estudo debruçamo-nos sobre a questão de saber em que medida a imagem dos portugueses decorrente das ações dos combatentes portugueses em África afetam a identificação social dos portugueses atuais. Concretamente, nesta investigação pretendemos testar o impacto da conotação positiva ou negativa de uma mensagem acerca do endogrupo nacional, assim como da proveniência interna ou externa ao grupo da fonte dessa mensagem na identidade social dos participantes.

A importância da Identidade Social

Segundo a teoria da identidade social (Tajfel, 1978), percecionamos o nosso ambiente social como sendo constituído por pessoas categorizadas em grupos aos quais são atribuídos determinados rótulos. Ao categorizarmos as pessoas que nos rodeiam em grupos, observamo-nos também enquanto membros de um grupo (Tajfel, 1978;1974). Assim, a identidade social é o resultado da perceção da pessoa sobre quem é com base no estatuto do seu grupo em comparação com os restantes (Tajfel & Turner, 1979), pressupondo uma noção do mundo de “nós” vs. “eles”, e devido a esta comparação, há uma tendência para o indivíduo valorizar mais o seu grupo (membros, características e comportamentos), atribuindo a este uma imagem mais positiva, em detrimento do exogrupo (Tajfel & Turner, 1986), esta atitude positiva ao endogrupo influencia a forma como percecionamos o grupo, levando-nos a valoriza-lo mais. A este fenómeno dá-se o nome de favoritismo endogrupal, sendo que quanto mais salientes são as comparações com o exogrupo maior é o favoritismo endogrupal (Turner, Brown & Tajfel, 1979, p. 200).

Porém, o indivíduo não se encontra constantemente identificado enquanto membro do endogrupo, segundo a teoria de autocategorização (p.e. Turner et al., 1987) existem vários níveis de identificação de um indivíduo, desde a mais singular, a pessoal, à mais coletiva, a própria humanidade. (Turner, Hogg, Oakes, Reicher & Wetherell, 1987). Quando uma categoria está saliente faz com que a pessoa se represente mais enquanto membro do grupo que está saliente e menos enquanto indivíduo (Hornsey, 2008; Turner, Hogg, Oakes, Reicher & Wetherell, 1987). Por exemplo, a saliência da categoria militares portugueses, gera maior identificação por parte dos ex-combatentes portugueses do que dos restantes portugueses sem exercício militar, já a saliência da categoria portugueses, gera identificação ao grupo por parte de todos os portugueses, uma vez que é uma categoria de nível superior, daí termos optado pela segunda para o nosso estudo.

Normas grupais e TDGS

Através de comparações sociais os comportamentos podem ser avaliados e ajustados (Festinger, 1954), sendo possível estabelecer normas. As normas são princípios orientadores do comportamento dos indivíduos (Asch, 1951) oferecendo ordem e previsibilidade ao ambiente (Sheriff, 1936), garantindo a funcionalidade do grupo. Quanto maior for a identificação grupal maior orientação para a convergência entre os membros (Abrams, Wetherell, Cochrane, Hoff & Turner, 1990) e, por sua vez, a conformidade com as normas prediz a coesão grupal, porque a preocupação e a motivação para contribuir para o bem-estar e objetivos do grupo aumentam (Sherif & Sherif, 1969), contribuindo para maior identificação grupal.

Então, a violação de uma norma grupal corresponde a um ataque à identidade do grupo e à imagem do mesmo? Quando um membro do endogrupo viola as normas transforma-se num membro indesejado, uma vez que poderá prejudicar a imagem do grupo. Então, os membros do grupo derogam o membro desviante do endogrupo na tentativa de manterem uma identidade social positiva (Marques & Páez, 1994). A Teoria da Dinâmica de Grupos Subjetiva (TDGS; p.e., Marques & Páez, 1994) propõe que a rejeição dos desviantes do endogrupo, que prejudicam a identidade social positiva do grupo, reforça o comprometimento dos indivíduos com essa norma e com a identificação social. A esta derrogação do membro do endogrupo desviante dá-se o nome de Efeito Ovelha Negra ("*BlackSheep Effect*"; p.e. Marques & Páez, 1994) e essa rejeição ajuda a restaurar a validade das normas violadas e a identidade social (Marques & Páez, 1994; Pinto, Marques, Levine & Abrams, 2010). Ao depreciarem os desviantes, os membros

normativos procuram suprimir os efeitos negativos desse desvio na validade subjetiva das normas no endogrupo, refletindo o seu compromisso com uma posição normativa que preserve a identidade social do grupo (Pinto, Marques, Levine & Abrams, 2010). Os membros do endogrupo são avaliados mais extremamente, tanto favoravelmente como desfavoravelmente (Marques, Yzerbyt & Leyens, 1988), pois o comportamento dos membros do endogrupo tem um impacto significativo na identidade social do grupo, afetando a imagem externa do mesmo.

Patriotismo vs. Identificação Nacional

Por patriotismo compreende-se a vinculação e lealdade do indivíduo à sua nação ou país de pertença, sendo mais do que viver simplesmente nesse espaço geográfico, o que conta é o sentimento de pertença, e assim mais cognitivo que físico. Pode ainda ser direcionado a uma parte específica de um país, como é o caso da população basca em Espanha (Kelman, 1997). Neste sentido, distingue-se de identificação nacional, pois esta é uma identificação social mais complexa uma vez que é necessária a partilha de história, símbolos, artefactos e instituições pelos seus membros (Kelman, 1997), dizendo respeito a um nível superior de identificação social, uma vez que compreende outras categorias como território, raça, religião, língua e género (Citrin, Wong, & Duff, 2001). O patriotismo pode ser uma forma positiva de identificação nacional, devido ao vínculo e orgulho na nação (Kosterman & Feshbach, 1989).

O peso do endogrupo

A literatura indica que os membros do endogrupo têm maior influência do que do que os membros do exogrupo nas opiniões dos indivíduos (Abrams et al., 1990), levando-os a aceitar opiniões conformes à opinião do endogrupo e opostas às opiniões adotadas por exogrupos relevantes. Este papel persuasivo do endogrupo não é só exercido pelos membros normativos. Segundo a teoria da dinâmica de grupos subjectiva também os membros desviantes do endogrupo podem ter influência, pois geram tensão no grupo e põem em causa a validade das crenças numa identidade social positiva (Marques, Abrams & Páez, 1998; Pinto, Marques, Levine & Abrams, 2016). Outra investigação no domínio da influência minoritária também sugere que os membros do endogrupo, cuja posição se opõe à opinião maioritária no grupo, têm maior capacidade de influenciar do que indivíduos com crenças semelhantes mas pertencentes ao exogrupo (Moscovici &

Personnaz, 1986), isto é importante para percebermos o efeito da opinião do endogrupo no participante, mesmo quando esta vá contra a opinião do próprio.

O papel da Memória Coletiva

Por memória coletiva entende-se o conjunto de memórias supra-individuais partilhadas num determinado grupo, que surgem através da interação social (Licata & Mercy, 2015; Halbwachs, 1980). Essa partilha pode promover um critério para a categorização social dos membros do endogrupo ou do exogrupo, o que poderá definir e organizar a identidade social do grupo (Tavani et al., 2016). A partilha de uma memória coletiva comum promove sentimentos de unicidade e pertença com base uma história comum (Bar-Tal, 2014).

Vários estudos debruçaram-se sobre o impacto das memórias das guerras numa sociedade. Por exemplo, Obradović (2016), refere que o passado é uma parte importante da identidade coletiva de uma nação e os conflitos passados prejudicam a relação com os exogrupos no presente. Em Portugal, Marques, Páez e Serra (1997), verificaram que existe pouca transmissão de memórias relativas à guerra, estando a mesma associada a um aumento da imagem negativa e maior sofrimento para os ex-combatentes, que revelaram tentarem esquecer os acontecimentos, evitar a partilha e algum descomprometimento moral e derrogação de culpas (Marques, Páez & Serra, 1997). Um estudo mais recente revela que 4 em cada 5 ex-combatentes manifestam arrependimento em terem participado na guerra (Maia, McIntyre, Pereira & Fernandes, 2006). Parece existir também uma repressão social por parte do país, sendo que o único apoio que os ex-combatentes recebem é exclusivamente associativo e não existe uma partilha formal dos acontecimentos. Recentemente, o tenente-coronel Miguel Machado propõe a criação de um espaço físico onde a história da guerra seja partilhada (Freire, 2019). Na realidade a guerra não teve apenas resultados negativos nos ex-combatentes, vários revelaram sentimentos de orgulho e lealdade ao grupo (Marques, Páez & Serra, 1997; Maia, McIntyre, Pereira & Fernandes, 2006).

Breve Descrição do Estudo e Hipóteses

A influência dos membros do endogrupo parece sobrepor-se à dos membros do exogrupo. Porém, pensamos que no que toca à imagem do endogrupo, um membro do exogrupo, que defenda uma imagem positiva do endogrupo, levará os participantes a credibilizarem mais essa opinião do que a de um membro do endogrupo, uma vez que o reconhecimento da imagem positiva por parte do exogrupo deverá conferir uma maior

validação social daquela imagem (Festinger, 1950). Assim, é lógico pensar que os indivíduos atribuirão uma opinião positiva por parte de um membro do endogrupo a uma atitude de favoritismo pró-endogrupo (Turner, Brown & Tajfel, 1979), o que, em princípio, não deverá acontecer no caso de um membro do exogrupo. Paralelamente, um membro do endogrupo que defenda uma imagem negativa do endogrupo levará os participantes a rejeitar mais essa mensagem do que se a mesma imagem for defendida por um membro do exogrupo, dado que o primeiro será percebido como uma maior ameaça à identidade do grupo, gerando assim, uma reação mais defensiva dessa identidade. Nesta investigação pretendemos testar estas ideias.

Os participantes iniciavam o questionário por responderem a um conjunto de medidas de controlo e depois respondiam a um bloco de questões onde era medido o Patriotismo inicial (Patriotismo I) e se estes consideravam que a guerra tinha sido legítima (Legitimação da Guerra do Ultramar Português)

Depois leram um excerto de uma entrevista de opinião acerca da imagem dos portugueses com base a acontecimentos ocorridos na Guerra do Ultramar Português ou Guerra Colonial. De acordo com as condições experimentais, o entrevistado era apresentado como sendo um português (Condição entrevistado do Endogrupo) ou sueco (Condição entrevistado do Exogrupo), e a sua opinião acerca da imagem dos portugueses era como sendo uns heróis e descrevia comportamentos louváveis por este verificado (Condição Imagem Positiva) ou, por oposição, descrevia-os como sendo uns colonialistas, descrevendo comportamentos bárbaros por este verificado (Condição Imagem Negativa). Após a manipulação os participantes continuavam a responder ao questionário onde medimos a Avaliação do Entrevistado, as Emoções Sentidas e novamente o Patriotismo (Patriotismo II).

Esperamos que os participantes reforcem a sua posição inicial alta de patriotismo ou aumentem-na quando esta seja baixa por influência da opinião positiva do membro do endogrupo (Abrams et al., 1990), isto deverá acontecer pela perceção, que o participante possa ter, de se estar a tornar desviante face à normatividade do grupo (Marques & Páez, 1994), sentindo-se motivado a regredir para a maioria.

Complementarmente, o entrevistado do endogrupo cuja opinião espelhe uma imagem negativa dos portugueses deverá ser o pior avaliado. Neste caso, esperamos um resultado consistente com o Efeito Ovelha Negra, uma vez que, os participantes deverão avaliar mais

desfavoravelmente os membros indesejáveis do endogrupo que poderão diminuir o prestígio do grupo (Marques & Páez, 1994).

Finalmente, na condição Imagem Positiva (“Heróis”), o entrevistado do exogrupo será o melhor avaliado. Uma vez que, nessa condição, o entrevistado é visto como uma fonte credível de validação social (Festinger, 1950), pois não possui motivos aparentes para beneficiar o grupo. Já a visão semelhante de um membro do endogrupo poderá ser interpretada como um viés grupal, devido ao benefício da imagem positiva.

É esperado, que os participantes apresentem respostas de defesa de identidade social na condição de Imagem Negativa (“Colonialistas”). Neste sentido, podem surgir dois tipos de resposta: Favoritismo Endogrupal, na condição do entrevistado do exogrupo. Dado estarem motivados para possuírem uma identidade social positiva, os participantes tenderão a defender-se desta ameaça à imagem do grupo, valorizando mais o endogrupo em oposição ao exogrupo (Iacoviello & Spears, 2018; Turner, Brown & Tajfel, 1979). Isto deverá fazer com que os valores de resposta à escala de Patriotismo aumentem após a manipulação, como defesa da imagem social positiva do grupo. E Desidentificação Grupal, na condição do entrevistado do endogrupo. Neste caso, e se houver uma percepção de permeabilidade nas fronteiras grupais, ou se os participantes puderem adoptar estratégias de criatividade social (Tajfel, 1978), eles poderão baixar o seu nível de identificação com o endogrupo para garantir a uma imagem individual positiva (Tajfel & Turner, 1986). Neste caso, os participantes poderão revelar valores mais baixos na segunda escala de Patriotismo.

Método

Participantes e Plano Experimental

A amostra é composta por 89 homens e 75 mulheres de nacionalidade portuguesa ($N=164^1$), com idades compreendidas entre 18 e 81 anos ($M = 39.91$, $DP = 16.79$). O plano experimental é um 2 (Proveniência do entrevistado: Endogrupal vs. Exogrupal) X 2 (Imagem do endogrupo: Positiva vs. Negativa) inter-sujeitos. Os participantes estão divididos de forma semelhante pelas condições em termos de idade ($F_{3,160} = 2.66$, ns) e sexo ($\chi^2_3 = 2.16$, ns).

¹ Foram inquiridos 168 participantes. No entanto, as respostas de quatro participantes foram eliminadas da amostra: dois por não serem portugueses e outros dois por serem *outliers* na escala de patriotismo.

Procedimento

Os participantes foram informados que fariam parte de uma investigação promovida pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, na qual deviriam dar a sua opinião acerca da “Ação portuguesa em África”. Para tal efeito era pedido o preenchimento de um questionário, aplicado tanto em versão impressa como online², através da plataforma *Qualtrics XM*, onde estes deveriam apresentar o seu grau de concordância com diferentes itens que compunham duas escalas de controlo de *Patriotismo* e *Legitimação da Guerra do Ultramar* (LGUP). Depois, era apresentado um excerto de uma entrevista (na realidade fictícia e construída com o objetivo de testar as nossa hipóteses) publicada num suposto jornal diário feita a um homem que testemunhou os conflitos de África na década de 1960, tendo viajado entre Angola, Moçambique e Guiné-Bissau em diferentes missões internacionais, e que apresentava a sua opinião acerca dos portugueses, baseada num caso, por ele observado, numa das suas viagens.

Manipulação da Proveniência do Entrevistado. Na condição Endogrupo, os participantes foram informados que o entrevistado era português (José Silva). Na condição Exogrupo o entrevistado era apresentado como sendo sueco (Erik Berg).

Manipulação da Imagem do Endogrupo. Na condição Imagem Positiva, o entrevistado descrevia os portugueses da seguinte forma: “Vi os militares portugueses a cuidarem dos habitantes das aldeias pobres como podiam, dando-lhes a sua própria ração de combate e abdicando dos seus próprios medicamentos, pondo em causa a sua própria vida e até tratando dos feridos e doentes, sem olhar ao sexo ou à idade. Quer melhor prova de que os Portugueses são mesmo uns heróis?”. Na condição Imagem Negativa, o entrevistado descrevia os portugueses da seguinte forma: “Vi os militares portugueses a cometerem atrocidades como roubar aldeias inteiras, violar raparigas indefesas e matar indiscriminadamente os habitantes das aldeias pobres, sem olhar ao sexo ou à idade. Quer melhor prova de que os Portugueses são mesmo uns colonialistas?”.

Medidas

² O método de administração foi controlado através da criação da variável nominal Aplicação, sendo que 1 corresponde a questionários impressos, e 2 a questionários online, onde não existiram diferenças entre condições ($\chi^2_3 = .91, ns$). A variável foi testada nas análises através de uma MANOVA, onde foram encontradas diferenças significativas apenas relativamente à escala de Patriotismo 2, onde os questionários impressos ($M = 6.39, DP = .96$) apresentam maior pontuação do que os questionários online ($M = 4.87, DP = 1.4$), $F(1, 162) = 45.02, p < .001$, concluindo assim, que esta variável não produz um problema para a continuação das análises do estudo.

Medidas de Controlo³

Patriotismo I

Para obtermos uma primeira medida de patriotismo inspiramo-nos na escala de Patriotismo Americano de Huddy e Khatib (2007), compondo quatro itens, que foram inseridos dentro de um bloco de doze questões indicativas da posição dos respondentes face à Guerra do Ultramar Português, para minimizar a desejabilidade social na resposta: (2) “É importante para mim ser português”; (3) “Quando falo com alguém de outro país costumo dizer “Nós” em vez de “Eles” para me referir aos Portugueses”; (5) “Orgulho-me de ser português”; (10) “Vejo-me como um exemplo de um típico português” (1 = *discordo totalmente*; 7 = *concordo totalmente*). Calculamos as médias das respostas aos itens para um obter uma pontuação de patriotismo (α de Cronbach = .82) que designamos de Patriotismo I, dado que, posteriormente, voltamos a obter uma medida de patriotismo que comparamos com esta (ver abaixo).

Legitimação da Guerra do Ultramar Português (LGUP)

Os restantes itens compõem uma escala de Legitimação da Guerra do Ultramar Português, por nós criada. A escala é composta pelos restantes oito itens: (1) “Nenhuma guerra é positiva, mas a verdade é que a atuação dos Portugueses em África teve legitimidade”; (4) “O que os africanos menos precisavam era de terem lá os portugueses a dizer-lhes o que deviam fazer”; (6) “Se pusermos de lado os preconceitos é forçoso admitir que a ação dos Portugueses em África foi necessária”; (7) “É compreensível que os Portugueses possam ter cometido atos de violência em resposta a certas manifestações de revolta”; (8) “A atuação dos Portugueses em África foi uma medida do governo da altura para disfarçar os problemas que se passavam em Portugal”; (9) “A verdade é que Portugueses deviam ter aceite a independência dos povos africanos mais cedo”; (11) “É natural e aceitável que os Portugueses tenham reagido como reagiram aos ataques que sofreram em África na década de 1960”; (12) “Os movimentos de libertação em África contribuíram para trazer progresso a Portugal” (1 = *discordo totalmente*; 7 = *concordo totalmente*). Após invertermos os itens 4, 8, 9 e 12, calculamos as médias das respostas

³ A *Participação da Guerra* foi controlada, sendo que todos os participantes que indicaram terem vivido em algum país africano ou terem servido serviço militar entre 1961 e 1974, foram assumidos como estarem implicados na guerra. Após testada a variável verificou-se que não existiram qualquer impacto nos dados.

para um obter uma pontuação de Legitimação da Guerra do Ultramar Português (α de Cronbach = .75)⁴.

Medidas Dependentes

Avaliação do Entrevistado

Após lerem a entrevista, os participantes avaliaram entrevistado, com base numa escala inspirada nas escalas de Avaliação do Desviante (BSE; p.e., Marques, Abrams & Serôdio, 2001), através dos seguintes itens: “Justo”; “Honesto”; “Integro”; “Bem-intencionado”; “Sensato”; “Generoso”; “Simpático” (1 = *discordo totalmente*; 7 = *concordo totalmente*). Calculámos as médias das respostas para obter uma pontuação de Avaliação do Entrevistado (α de Cronbach = .95).

Emoções

Para obtermos a escala de Emoções inspiramo-nos nos itens da Escala de Diferencial de Emoções (DES; p.e., Izard, 2013). E pedimos ainda aos participantes que indicassem o grau em que o texto lhes despoletava cada uma das seguintes emoções: “Orgulho”; “Satisfação”; “Otimismo”; “Afeto”; “Simpatia”; “Raiva”; “Vergonha”; “Tristeza” (1 = *Nada*; 7 = *Muito*). Uma Análise de Componentes Principais, extraiu dois componentes explicativos de, respectivamente 68 % e 17% da variância. Designámos essas componentes, respectivamente, por Emoções Positivas (α de Cronbach = .96) e Emoções Negativas (α de Cronbach = .88).

Quadro 1. Emoções: Resultados da análise fatorial depois da rotação varimax.

<i>Emoções</i>	Fator 1: Positivas	Fator 2 Negativas
Orgulho	.859	-.377
Satisfação	.871	-.367
Otimismo	.905	-.280
Afeto	.909	-.136
Simpatia	.889	-.250
Raiva	-.159	.873
Vergonha	-.297	.881
Tristeza	-.331	.817

⁴ Não foi possível construir uma escala de quatro itens de Ilegitimação da Guerra do Ultramar Português com os itens invertidos devido a baixa consistência interna (Cronbach’s α = .51).

Patriotismo II

Seguidamente, apresentámos aos participantes uma segunda escala de Patriotismo composta também por quatro itens: (1) “Gosto quando me dizem que eu sou um bom exemplo de um português”; (2) “Dizer que sou cidadão português é muito importante para mim”; (3) “Preferia ser português a ser de qualquer outro país”; (4) “Fico orgulhoso quando dizem que os portugueses são bons em alguma coisa” (1 = *discordo totalmente*; 7 = *concordo totalmente*). Calculamos as médias das respostas aos itens para obter uma segunda pontuação de patriotismo que designamos por Patriotismo II (α de Cronbach = .88).

Opinião face à entrada de Portugal nas Guerras de África

A título exploratório e no final do estudo, colocámos aos participantes uma questão aberta pedindo-lhes que dessem a sua opinião sobre a entrada de Portugal nas Guerras de África.

Resultados

Medidas de Controlo⁵

Patriotismo I⁶ e Legitimação da Guerra do Ultramar Português

Uma ANOVA de Proveniência do Entrevistado X Imagem do Endogrupo sobre as pontuações de Patriotismo revelou que os participantes exprimiram uma alta identificação patriótica ($M = 5.66$, $DP = 1.25$). Não existem efeitos significativos $F(1, 160)$ sempre < 1 , *ns*.

⁵ As medidas de controlo são fundamentais para assegurar a eficácia das manipulações experimentais. Ainda, para assegurar a veracidade dos resultados, testamos o impacto das medidas sociodemográficas nas variáveis dependentes, sendo possível verificar que, como esperado, apenas encontramos três diferenças, que, depois de consideradas, não põem em causa o decorrer das análises. Uma MANOVA revelou um efeito significativo do sexo dos participantes apenas na escala de Patriotismo II, $F(1, 162) = 6.98$, $p = .009$ e na escala de Emoções Negativas, $F(1, 162) = 5.98$, $p = .016$. Os participantes masculinos ($M = 5.56$; $DP = 1.56$) apresentam maior patriotismo do que as participantes femininas ($M = 4.97$; $DP = 1.25$); e as participantes femininas ($M = 4.17$; $DP = 2.04$) apresentam emoções negativas mais fortes do que os participantes masculinos ($M = 3.39$; $DP = 2.03$). Obtivemos ainda um efeito significativo da variável Serviço Militar na escala de Patriotismo II. Os participantes que cumpriram o serviço militar ($M = 5.9$; $DP = 1.29$) apresentaram maiores valores de patriotismo do que os que não o cumpriram ($M = 5.05$; $DP = 1.45$), $F(1, 162) = 11.92$, $p = .001$. Os restantes valores não foram significativos.

⁶ A Idade foi testada como uma variável covariável e apresentou diferenças significativas relativamente à escala de Patriotismo, $F(1, 159) = 23.47$, $p < .001$. Uma correlação entre a variável Idade e Patriotismo demonstra que quanto mais velhos são os participantes maior é o valor de patriotismo ($r = .36$, $p < .001$).

Uma ANOVA de Proveniência do Entrevistado X Imagem do Endogrupo sobre as pontuações de Legitimação da Guerra do Ultramar Português também não revelou efeitos significativos $F(1, 160)$ sempre < 1 , *ns*. As duas escalas correlacionam-se positivamente $F(1, 162) = 28,28$, $p < .001$, $R^2 = .15$.

Para efeitos de controlo estatístico, realizamos uma divisão pela mediana ($Md = 3.56$) da escala de Legitimação da Guerra do Ultramar Português, criando uma variável nominal Legitimação da Guerra: Alta vs. Baixa, onde valores abaixo da mediana foram reconvertidos para 1 e acima para 2, encontrando-se bem distribuída pelas condições ($\chi^2_3 = .42$, *ns*). E testamos o impacto da variável nas variáveis dependentes através de uma Anova Fatorial de Legitimação da Guerra x Imagem do Endogrupo x Proveniência do Entrevistado. Esta nova escala foi utilizada no modelo de moderação (ver depois).

Medidas Dependentes

Quadro 2. Médias e Desvios Padrão de Avaliação do Entrevistado, Emoções Positivas e Emoções Negativas.

	Imagem Positiva				Imagem Negativa			
	Endogrupo		Exogrupo		Endogrupo		Exogrupo	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Avaliação do Entrevistado	4.94	1.51	4.94	1.47	3.79	1.6	3.86	1.63
Emoções Positivas	4.4	1.95	4.71	1.79	1.93	1.17	1.46	.67
Emoções Negativas	3.02	1.76	2.17	1.43	4.75	1.91	5.28	1.47

Avaliação do Entrevistado

Esperávamos que os participantes avaliassem pior o entrevistado do endogrupo quando este apresenta uma imagem negativa do grupo. Para testar esta ideia, conduzimos uma ANOVA Proveniência do Entrevistado X Imagem do Endogrupo sobre as pontuações de Avaliação do Entrevistado. Obtivemos um efeito significativo da Imagem do Endogrupo⁷, o entrevistado foi avaliado mais negativamente na condição “Colonialistas” ($M = 3.82$, $DP = 1.61$) do que na condição “Heróis” ($M = 4.94$, $DP = 1.48$), $F(1, 160) = 21.2$, $p < .001$, $\eta^2 = .12$. Contrariamente ao esperado, não encontramos efeitos significativos da Proveniência do Entrevistado, $F(1,160) < 1$, nem interação, $F(1,160) < 1$, o que nos leva a rejeitar a

⁷ A Legitimação da Guerra apresenta uma interação com Imagem do Endogrupo, $F(1, 156) = 33.28$, $p < .001$, $\eta^2 = .29$. Ao decompor a interação por Legitimação da Guerra, os resultados foram apenas significativos na condição “Alta”, $F(1, 80) = 64.39$, $p = .001$, os participantes com texto de “Heróis” ($M = 5.68$, $DP = 1.05$) avaliam melhor o entrevistado do que os da condição “Colonialista” ($M = 3.31$, $DP = 1.62$). Não existindo diferenças na condição “Baixa”, $F(1, 80) < 1$, *ns*.

hipótese de que o entrevistado do endogrupo que apresente uma imagem negativa é avaliado mais negativamente do que os outros. Não se verifica também a terceira hipótese segundo a qual o entrevistado do exogrupo é avaliado mais positivamente que o entrevistado do endogrupo na condição em que a imagem do grupo é positiva.

Emoções Positivas

Uma ANOVA Proveniência do Entrevistado X Imagem do Endogrupo ⁸ sobre as pontuações das Emoções Positivas revelou que a condição “Heróis” gerou emoções mais positivas ($M = 4.55$, $DP = 1.87$) do que a condição “Colonialistas” ($M = 1.69$, $DP = .97$), $F(1, 160) = 147.6$, $p < .001$, $\eta^2 = .48$. Porém, não observamos um efeito significativo aa Proveniência do Entrevistador, $F(1,160) < 1$. A interação entre Proveniência do Entrevistador X Imagem do Endogrupo teve um efeito marginal, $F(1,160) 2.77$, $p = .10$, $\eta^2 = .02$. Ao decompor esta interação em função das condições Imagem do Endogrupo observamos um efeito significativo na condição “Colonialistas”, $F(1,76) = 4.76$, $p = .03$; mas não na condição “Heróis”, $F(1,84) < 1$: quando a imagem do endogrupo é negativa, a opinião do entrevistado do exogrupo ($M = 1.46$, $DP = .67$) gera emoções menos positivas do que uma opinião semelhante emitida pelo entrevistado do endogrupo ($M = 1.93$, $DP = 1.17$).

Emoções Negativas

Uma ANOVA Proveniência do Entrevistado X Imagem do Endogrupo sobre as pontuações das Emoções Negativas⁹ não revela um efeito significativo de Proveniência do Entrevistado, $F(1,160) < 1$. No entanto, os efeitos da Imagem do Endogrupo, $F(1, 160) = 88.1$, $p < .001$, $\eta^2 = .36$, e da interação Proveniência do Entrevistado X Imagem do Endogrupo, $F(1,160) = 7.10$, $p = .008$, $\eta^2 = .04$, são significativos. O efeito da Imagem do Endogrupo mostra que a opinião do entrevistado suscitou emoções negativas mais fracas na condição “Heróis” ($M = 2.60$, $DP = 1.65$) do que na condição “Colonialistas” ($M = 5.02$, $DP = 1.71$). Ao decompor a interação em função das condições Imagem do

⁸ A Legitimação da Guerra também apresenta uma interação com Imagem do Endogrupo, $F(1, 156) = 15.44$, $p < .001$, $\eta^2 = .61$. Decompondo por Imagem do Endogrupo, na condição “Heróis”, $F(1, 84) = 34.21$, $p < .001$, os participantes com legitimação “Alta” ($M = 5.46$, $DP = 1.36$) mais emoções positivas do que com legitimação “Baixa” ($M = 3.46$, $DP = 1.82$), já na condição “Colonialistas” não existiram diferenças significativas, $F(1, 76) = 2.54$, *ns*. A Legitimação da Guerra apresentou ainda diferenças relativamente à escala de Emoções Positivas, onde a legitimação “Alta” ($M = 3.93$, $DP = 2.17$) apresentou maiores resultados do que a “Baixa” ($M = 2.45$, $DP = 1.7$), $F(1, 156) = 31.9$, $p < .001$.

⁹ A Legitimação da Guerra apresentou diferenças significativas nas Emoções Negativas, $F(1, 156) = 8.84$, $p = .003$, onde a legitimação “Alta” ($M = 3.24$, $DP = 2.04$) revelou menores valores de que a “Baixa” ($M = 4.26$, $DP = 1.98$).

Endogrupo, observamos um efeito significativo apenas na condição “Herói”, $F(1,84) = 6.10, p = .016$; na condição “Colonialistas”, $F(1,76) = 1.83, ns$. Assim, quando a imagem do endogrupo é positiva, a opinião do entrevistado do exogrupo ($M = 2.17, DP = 1.43$) suscita emoções menos negativas do que o entrevistado do endogrupo ($M = 3.02, DP = 1.76$).

Quadro 3. Médias e Desvios Padrão de Patriotismo I e Patriotismo II

		<i>Patriotismo I</i>		<i>Patriotismo II</i>		<i>p (bicaudal)</i>
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	
Imagem Positiva	Endogrupo	5.83	1.02	5.53	1.26	.09
	Exogrupo	5.62	1.4	5.13	1.62	.004
Imagem Negativa	Endogrupo	5.42	1.23	5.05	1.48	.004
	Exogrupo	5.74	1.31	5.41	1.45	.026

Patriotismo II¹⁰

A ANOVA Proveniência do Entrevistado X Imagem do Endogrupo sobre as pontuações de Patriotismo II, não revela efeitos significativos de Proveniência do Entrevistado, $F(1,160) < 1$, nem de Imagem do Endogrupo¹¹, $F(1, 160) < 1$. No entanto obtivemos um efeito marginal de Proveniência do Entrevistado X Imagem do Endogrupo, $F(1,160) = 2.79, p = .097, \eta^2 = .02$. Mas, ao decompor a interação, este efeito perdeu-se.

Para testarmos a ideia de que existiriam diferenças entre as duas escalas de Patriotismo, procedemos a um *teste-t* para amostras emparelhadas para testar a influência das manipulações. Patriotismo II apresentou sempre valores mais baixos em todas as condições relativamente a Patriotismo I. Mais importante do que isso, a primeira hipótese de que na condição “herói” o entrevistado do endogrupo provocaria maior influência no

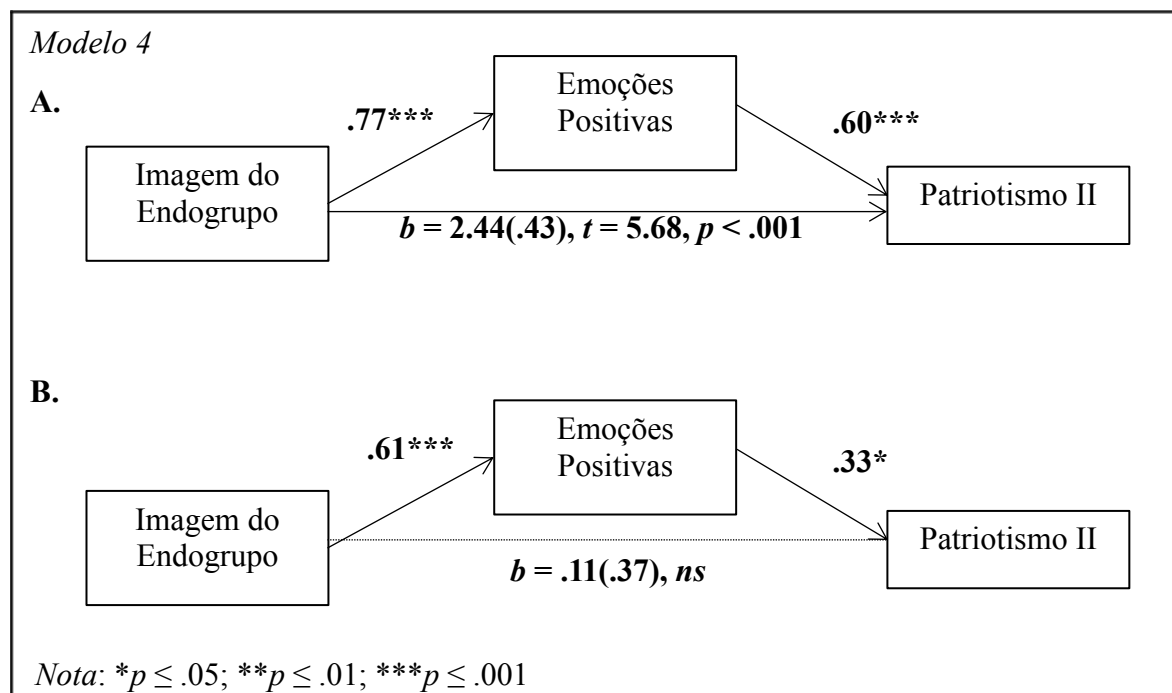
¹⁰ Tal como na primeira parte da escala, a Idade apresentou diferenças significativas relativamente à escala de Patriotismo 2, $F(1, 159) = 15.33, p < .001$. Onde, também, a correlação entre a variável Idade e Patriotismo 2 demonstra que quanto mais velhos são os participantes maior é o valor de patriotismo ($r = .30, p < .001$).

¹¹ As condições de Legitimação da Guerra revelaram-se diferentes $F(1, 156) = 16.44, p < .001$, onde a legitimação “Alta” ($M = 5.73, DP = 1.37$) apresenta mais patriotismo que a “Baixa” ($M = 4.85, DP = 1.42$). A Legitimação da Guerra interage ainda com a Imagem do Endogrupo, $F(1, 156) = 4.6, p = .03, \eta^2 = .17$. Decompondo por Imagem do Endogrupo, na condição “Heróis”, a legitimação “Alta” ($M = 5.91, DP = 1.12$) tem maiores resultados de patriotismo do que a condição “Baixa” ($M = 4.63, DP = 1.52$), $F(1, 84) = 20.24, p < .001$, não surgindo diferenças na condição “Colonialistas” $F(1, 76) = 1.64, ns$. Interage também com a Proveniência do Entrevistado, $F(1, 156) = 6.95, p = .009, \eta^2 = .17$. Que decompondo pela Proveniência do Entrevistado, os resultados revelam que não existem diferenças no que toca ao entrevistado do endogrupo $F(1, 79) = 1.46, ns$; mas no auto do exogrupo, a legitimação “Alta” ($M = 5.93, DP = 1.09$) apresenta maior patriotismo do que a “Baixa” ($M = 4.56, DP = 1.64$), $F(1, 81) = 20.53, p = .001$.

patriotismo foi tendencialmente verificada. De facto, apesar do efeito ser apenas marginal, é a única condição onde a diferença entre as escalas não é significativa, $t(42) = 1.73$, $p = .09$, bicaudal. Esperávamos ainda dois tipos de respostas relativas à condição “colonialista”: segundo a quarta hipótese prevíamos que no entrevistado do exogrupo o patriotismo aumentasse, porém verificou-se o oposto $t(39) = 2.31$, $p = .03$; e segundo a quinta hipótese acreditávamos que quando o entrevistado era do endogrupo, o patriotismo reduzisse, que apesar de verificar-se $t(37) = 3.04$, $p = .004$, não existem diferenças significativas entre as condições de Proveniência do Entrevistado, e assim, invalidamos ambas as hipóteses.

Figura 1. Modelos de mediação (4), com os coeficientes estandardizados.

Split file por Proveniência do Entrevistado: Exogrupo (A) e Endogrupo (B).



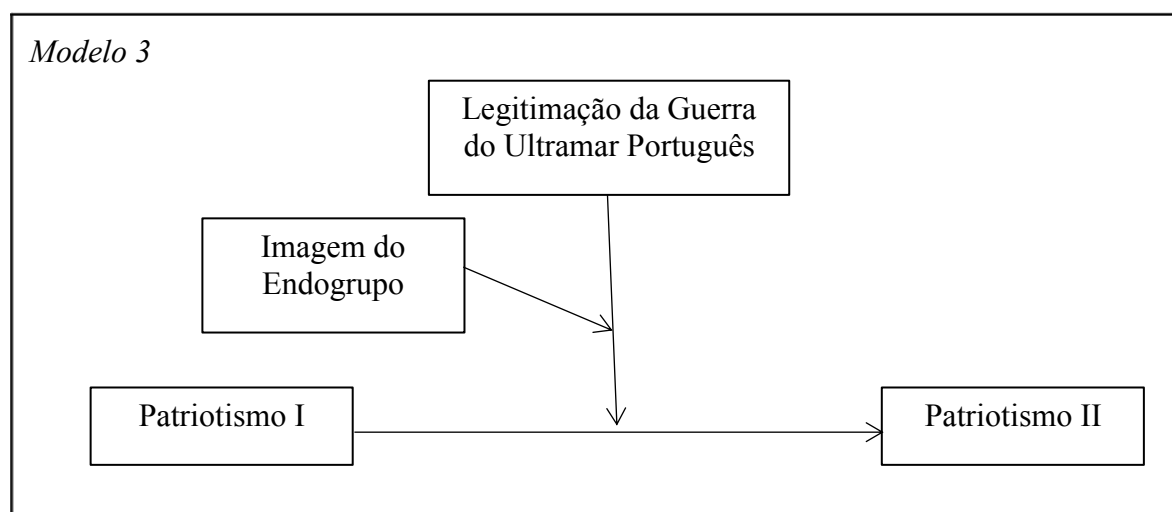
Mediação

Devido à interação marginal observada anteriormente se ter perdido pelas decomposições, consideramos que as Emoções poderiam estar a mediar o impacto da Imagem do Endogrupo relativamente ao Patriotismo II, resolvendo ainda testar se existem diferenças por condição de Proveniência do Entrevistado. Então, procedemos a uma análise de mediação usando o programa PROCESS (Hayes, 2013; Modelo 4) para

testarmos a hipótese de que a Imagem do Endogrupo prediz as Emoções Positivas,¹² que por sua vez predizem Patriotismo II.

O modelo geral explica 17% da variância e prediz significativamente Patriotismo II, $F(2,161) = 16.1$, $p < .001$, permitindo-nos avançar com as análises em função das condições de Proveniência do Entrevistado. Assim, na condição entrevistado do Exogrupo, o modelo explica 35% da variância, $F(2,80) = 21.97$, $p < .001$ e revela um efeito direto de Imagem do Endogrupo sobre Patriotismo II, $b = 2.44(.43)$, $t = 5.68$, $p < .001$ e um efeito indireto mediado pelas Emoções Positivas, $b = -2.15(.32)$, 95% IC [-2.73;-1.51]. Já no caso do entrevistado do Endogrupo, o modelo explica apenas 11% da variância, $F(2,78) = 4.83$, $p = .011$, não havendo efeito direto de Imagem do Endogrupo sobre Patriotismo II, $b = .11(.37)$, $t = .29$, *ns*, apenas indireto, mediado pelas Emoções Positivas, $b = -.59(.24)$, 95% IC [-1.07;-1.12]. Estes resultados suportam as nossas previsões de que as Emoções Positivas são um mediador significativo de Imagem do Endogrupo sobre Patriotismo II e que existem diferenças deste modelo relativamente às condições de Proveniência do Entrevistado: Na condição entrevistado do endogrupo apenas há um efeito indireto da imagem apresentada sobre o Patriotismo II, mediado pelas emoções, já na condição entrevistado do exogrupo existe tanto efeito direto, como indireto. Este efeito de moderação poderá explicar a ausência de diferenças de Proveniência do Entrevistado em Patriotismo II, uma vez que no “Endogrupo” as Emoções Positivas influenciam esses resultados.

Figura 2. Modelo de moderação (3).



¹² Inicialmente usamos o Modelo 6 de mediação múltipla onde incluímos as Emoções Negativas, mas não havia um efeito de Emoções Negativas sobre Patriotismo II, $b = .08(.07)$, $t = 1.27$, *ns*.

Moderação

Testamos ainda a ideia de que o Patriotismo é um preditor de Patriotismo II, onde a Imagem do Endogrupo e a Legitimação da Guerra: Alto vs. Baixo seriam moderadores desta relação. Conduzimos uma análise utilizando a ferramenta estatística PROCESS (Hayes, 2013; Modelo 3).

O modelo completo prediz significativamente Patriotismo II, $F(7,156) = 33.31$, $p < .001$, explicando 60% da variância. Em acordo com as nossas predições, observamos um efeito direto de Patriotismo I sobre Patriotismo II, $b = .82(.07)$, $t = 12.05$, $p < .001$. Mais relevante é o facto de o efeito conjunto do Patriotismo I, Imagem do Endogrupo e LGUP sobre Patriotismo II ser significativo, $b = .23(.10)$, $t = 2.34$, $p = .02$, 95% IC [.04; .42]. Na condição Legitimidade Baixa, não se encontram diferenças entre as condições da Imagem do Endogrupo, relativamente ao efeito de Patriotismo I sobre Patriotismo II: “Heróis”, $b = .83(.11)$, $t = 7.35$, $p < .001$, 95% IC [.61; 1.05] e “Colonialistas”, $b = .85(.11)$, $t = 7.61$, $p < .001$, 95% IC [.63; 1.07]. No entanto, na condição de Legitimidade Alta, o efeito de Patriotismo I sobre Patriotismo II é mais forte na condição “Colonialistas”, $b = 1.11(.11)$, $t = 9.71$, $p < .001$, 95% IC [.88; 1.33] do que em “Heróis”, $b = .54(.16)$, $t = 3.28$, $p = .001$, 95% IC [.21; .86].

Assim, na condição de imagem negativa, os participantes que legitimam mais a guerra intensificam o peso dado ao patriotismo, relativamente à condição de imagem positiva. Estes resultados estão em conformidade com a ideia de que, na imagem negativa, os participantes aumentam o patriotismo por favoritismo endogrupal, tal só acontece para aqueles que legitimam a guerra, desvalorizando, assim, uma opinião contrária à sua.

Discussão

Em conformidade com as nossas expectativas, a opinião positiva do entrevistado do endogrupo foi a única condição que evitou o decréscimo do patriotismo dos participantes. Porém, quanto à avaliação do entrevistado, a sua proveniência não teve qualquer impacto para os respondentes. Esse fator foi, por si só, suficiente para invalidar a nossa hipótese de Efeito Ovelha Negra, já que na condição “colonialistas”, os participantes avaliaram de igual forma o membro do endogrupo e o do exogrupo; E a nossa terceira hipótese, já que na condição “heróis” também não existiram diferenças significativas. No entanto, os resultados revelaram diferenças entre o endogrupo e exogrupo relativamente às emoções: nas Emoções Positivas a opinião negativa do exogrupo ameaça mais a imagem do grupo e

nas Emoções Negativas a opinião positiva do exogrupo suscita menores valores, confirmando o maior peso dado à opinião do exogrupo e assim, maior validação social. A imagem negativa levou sempre a uma diminuição significativa do patriotismo, invalidando a nossa hipótese de favoritismo endogrupal para o membro do exogrupo e de desidentificação grupal no caso do membro do endogrupo.

No entanto, quando analisámos os resultados do modelo de moderação, é possível observar que quando a imagem apresentada é prejudicial para a imagem positiva do grupo, o patriotismo é reforçado pelos participantes com uma alta legitimação da guerra, o que corresponderá a um comportamento reativo de favoritismo endogrupal. Estes resultados fazem sentido, uma vez que altos valores de legitimação estarão, à partida, associados a uma imagem positiva do acontecimento e dos portugueses nesse contexto, assim a opinião negativa do entrevistado é prejudicial e leva a um comportamento defensivo de reforço do patriotismo:

“Foi um mal necessário. Justificou-se pela atualidade política da época.”;

“Portugal e os portugueses foram obrigados a defenderem-se dos ataques dos guerrilheiros...”;

“Se os portugueses foram lá para ajudar concordo plenamente, mas sem se acharem superiores, para não cometerem erros como os referidos”

(excertos de respostas de participantes)

Conclusões

Os resultados apoiam a ideia de que os membros normativos do endogrupo influenciam mais a opinião dos outros membros quando transmitem uma mensagem que contribui para uma imagem positiva do grupo (Abrams et al., 1990). Para além disso, como mostram os resultados relativos às emoções, um emissor pertencente ao exogrupo fornece maior validação social da imagem do endogrupo do que um emissor pertencente ao endogrupo, quando transmite uma imagem positiva do endogrupo. Noutros termos, o membro do exogrupo confere maior validade social à imagem do endogrupo, mas o membro do endogrupo serve de referência normativa, uma vez que é representativo do grupo, das normas e valores do mesmo, levando a maior identificação que ao membro do exogrupo.

Limitações do Presente Estudo e Prospectos de Investigação Futura

No que diz respeito ao facto de os nossos resultados não terem apoiado a hipótese da derrogação do desviante do endogrupo (“*BlackSheep Effect*”), é possível que isso seja devido ao facto da apresentação da imagem negativa do endogrupo não ter suficiente suficientemente forte. Neste caso, é possível que os participantes não tenham reconhecido a expressão de uma imagem negativa por parte do emissor do endogrupo como uma real violação de normas. Acresce a esta ideia, o de muitos participantes terem atribuído pouca ou nenhuma legitimidade à guerra, o que torna, de facto, a imagem negativa transmitida pelo emissor, numa mensagem normativa. Infelizmente, os nossos resultados não permitem verificar esta possibilidade, pelo que ela deverá ser considerada em eventuais estudos futuros.

Outra limitação do presente estudo é o possível efeito de ordem das escalas de patriotismo, uma vez que não foi testada a variação de apresentação das mesmas. Pelo que não é possível garantir que as respostas à segunda escala não tenham sido condicionadas pelas respostas à primeira e, ainda, se a apresentação oposta teria proporcionado um outro tipo de resposta.

Um aspecto deste estudo que nos parece importante reter, prende-se com o facto de que quando indivíduos que possuem uma forte crença com implicações para a imagem positiva do endogrupo são confrontados com uma opinião que põe em causa essa crença, esses indivíduos reagem de forma a reforçarem a sua identificação grupal. Esta reação de favoritismo endogrupal, revelada pelo reforço do patriotismo na condição experimental em que a imagem dos portugueses era posta em causa, poderá estar associada a algum tipo de patriotismo cego ou chauvinismo. Este estudo poderá assim contribuir para explorar este fenómeno.

Mais investigação poderá também ser realizada acerca da escala de Legitimação da Guerra do Ultramar Português, sobre a qual não foi possível, no presente trabalho, realizar uma análise mais aprofundada. É importante salientar, a este respeito, os valores de legitimação da guerra apresentaram-se correlacionados positivamente com a escala de patriotismo. Esta correlação parece apoiar a ideia de que a saliência do patriotismo poderá ajudar a legitimar os motivos de uma determinada batalha e, assim, ser usado como um mobilizador de soldados para as guerras (p.e., Miller, 1997).

Para explorar ainda mais o impacto da opinião que os membros do endogrupo aparentam ter na imagem positiva ou negativa do mesmo, poderá ser incluída uma manipulação do estatuto do membro no grupo, para perceber se existem diferenças entre o membro pleno ou não pleno (p.e., Pinto, Marques, Levine, & Abrams, 2016), ou do estatuto de liderança do transmissor da mensagem, (p.e., Abrams, Randsley de Moura & Travaglino, 2013; Hogg, 2001), para testar um eventual efeito da posição hierárquica, no valor atribuído à opinião do orador.

Bibliografia

- Abrams, D., Wetherell, M., Cochrane, S., Hogg, M. A., & Turner, J. C. (1990). Knowing what to think by knowing who you are: Self-categorization and the nature of norm formation, conformity and group polarization. *British Journal of Social Psychology*, 29(2), 97-119.
DOI: 10.1111/j.2044-8309.1990.tb00892.x
- Abrams, D., Randsley de Moura, G., & Travaglino, G. A. (2013). A double standard when group members behave badly: Transgression credit to ingroup leaders. *Journal of Personality and Social Psychology*, 105(5), 799–815. DOI:10.1037/a0033600
- Asch, S. (1951). Effects of group pressure upon the modification and distortion of judgements. In H. Guetzkow, *Groups, leadership and men* (pp. 177-190). Pittsburg: Carnegie Press.
- Citrin, J., Wong, C., & Duff, B. (2001). The meaning of American national identity: Patterns of ethnic conflict and consensus. In R. D. Ashmore, L. Jussim, & D. Wilder (Eds.), *Rutgers series on self and social identity; Vol. 3. Social identity, intergroup conflict, and conflict reduction*, 71-100. New York, NY, US: Oxford University Press.
- Festinger, L. (1950). Informal social communication. *Psychological Review*, 57(5), 271-282. DOI: 10.1037/h0056932
- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, 7, 117-140. DOI:10.1177/001872675400700202
- Freire, M. (3 de Setembro de 2019). “Portugal deve ter Museu da Guerra do Ultramar onde a história se conte sem vergonha”. In *Diário de Notícias*. Acedido a 13 de Setembro de 2019, Disponível em <https://www.dn.pt/poder/interior/justifica-se-haver-um-museu-sobre-a-guerra-colonial-11262166.html>
- Halbwachs, M. (1980). *The collective memory*. Harper & Row, New York
- Hayes, A. F. (2013). *Methodology in the social sciences. Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. New York, NY, US: Guilford Press.

Hornsey, M. J. (2008). Social identity theory and self-categorization theory: A historical review. *Social and Personality Psychology Compass*, 2(1), 204–222. doi:10.1111/j.1751-9004.2007.00066.x

Hogg, M. A. (2001). A social identity theory of leadership. *Personality and Social Psychology Review*, 5(3), 184–200. DOI:10.1207/s15327957pspr0503_1

Huddy, L., & Khatib, N. (2007). American patriotism, national identity, and political involvement. *American journal of political science*, 51(1), 63-77. DOI: 10.1111/j.1540-5907.2007.00237.x

Iacoviello, V., & Spears, R. (2018). “I know you expect me to favor my ingroup”: Reviving Tajfel's original hypothesis on the generic norm explanation of ingroup favoritism. *Journal of Experimental Social Psychology*, 76, 88-99. DOI: 10.1016/j.jesp.2018.01.002

Izard, C. E. (2013). *Human emotions*. New York: Springer Science & Business Media.

Kelman, H. C. (1997). Nationalism, patriotism, and national identity: Social-psychological dimensions. In D. Bar-Tal & E. Staub (Eds.), *Nelson-Hall series in psychology. Patriotism: In the lives of individuals and nations*, 165-189. Chicago, IL, US: Nelson-Hall Publishers

Kosterman, R., & Feshback, S. (1989). Toward a measure of patriotic and nationalistic attitudes. *Political Psychology*, 10, 257–274.

Licata, L., & Mercy, A. (2015). Collective memory, social psychology of. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 194–199. DOI:10.1016/b978-0-08-097086-8.24046-4

Maia, A., McIntyre, T., Pereira, G. & Fernandes, E. (2006) Por baixo das pústulas da guerra: Reflexões sobre um estudo com ex-combatentes da guerra colonial. In M. Gama. *A guerra colonial (1961-1974)*, 11-28. Braga: Universidade do Minho: Centro de Estudos Lusíadas.

Marques, J. M., Abrams, D., & Serôdio, R. G. (2001). Being better by being right: Subjective group dynamics and derogation of in-group deviants when generic norms are

undermined. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(3), 436–447.

DOI:10.1037/0022-3514.81.3.436

Marques, J. M. & Páez, D. (1994). The ‘Black Sheep Effect’: Social categorization, rejection of ingroup deviates, and perception of group variability. *European Review of Social Psychology*, 5, 37-68. DOI: 10.1080/14792779543000011

Marques, J. M., Páez, D. & Abrams, D. (1998). Social identity and intragroup differentiation as subjective social control. In: J F Morales, D Páez, J C Deschamps and S Worchel (Eds), *Current Perspectives on Social Identity and Social Categorization*, 124-142. New York: Sage

Marques, J. M., Páez, D. & Serra, A. (1997). Social sharing, emotional climate and the transgenerational transmission of memories: the Portuguese colonial war. In J. Pennebaker, D. Páez & B. Rimé (Eds.), *Collective memory of political events: Social psychological perspectives*, 253-276. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Marques, J. M., Yzerbyt, V. Y., & Leyens, J.-P. (1988). The “Black Sheep Effect”: Extremity of judgments towards ingroup members as a function of group identification. *European Journal of Social Psychology*, 18(1), 1–16. DOI:10.1002/ejsp.2420180102

Miller, R. W. (1997). Killing for the homeland: patriotism, nationalism and violence. *The Journal of Ethics*, 1(2), 165-185. DOI:10.1023/a:1009792906662

Moscovici, S., & Personnaz, B. (1986). Studies on latent influence by the spectrometer method: I. the impact of psychologization in the case of conversion by a minority or a majority. *European Journal of Social Psychology*, 16, 345-360.

Obradović, S. (2016). *Don't forget to remember: Collective memory of the Yugoslav wars in present-day Serbia*. Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology, 22(1), 12–18. DOI:10.1037/pac0000144

Pinto, I. R., Marques, J. M., Levine, J. M., & Abrams, D. (2016). Membership Role and Subjective Group Dynamics: Impact on evaluative intragroup differentiation and commitment to prescriptive norms. *Group Processes & Intergroup Relations*, 19 (5), 570–590. Sage. DOI: 10.1177/1368430216638531

Pinto, I. R., Marques, J. M., Levine, J. M., & Abrams, D. (2010). Membership Status and Subjective Group Dynamics: Who Triggers the Black Sheep Effect?. *Journal of*

Personality and Social Psychology, 99,107-119. American Psychological Association.
DOI: 10.1037/a0018187

Sherif, M. (1936). A study of some social factors in perception. *Archives of Psychology (Columbia University)*, 187, 60.

Sherif, M., & Sherif, C. (1969). *Social psychology*. New York: Harper & Row.

Tajfel, H. (1974). Social identity and intergroup behaviour. *Information (International Social Science Council)*, 13(2), 65–93. DOI:10.1177/053901847401300204

Tajfel, H. (1978). *Differation between Social Groups: studies in the social psychology of intergroup relations*. Academic Press: London, New York and San Francisco.

Tajfel, H. & Turner, J. C. (1979). An Integrative Theory of Intergroup Conflict. In W. G. Austin, & S. Worchel (Eds.), *The Social Psychology of Intergroup Relations* (pp. 33-47). Monterey, CA: Brooks/Cole

Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). The social identity theory of intergroup behavior. In S. Worchel & W. G. Austin (eds.), *The psychology of intergroup relations*, 7-24. Chicago: Nelson-Hall

Tavani, Collange, Rateau, Rouquette & Sanitioso (2016). *Tell me what you remember and I will know who you are: The link between collective memory and social categorization*. *Group Processes & Intergroup Relations*, 20(1), 91–108.
DOI:10.1177/1368430215596076

Turner, J. C., Brown, R. J., & Tajfel, H. (1979). Social comparison and group interest ingroup favouritism. *European Journal of Social Psychology*, 9(2), 187-204.

Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D., & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. Cambridge, MA, US: Basil Blackwell.

Anexo A – Questionário

Ação portuguesa em África – Estudo de Imprensa

A Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto está a proceder a uma investigação com o objetivo de perceber qual a opinião dos portugueses quanto a vários fatores históricos sobre as guerras de Portugal em África, tal como são traduzidas pela imprensa escrita. É para isso que lhe pedimos que preencha este pequeno questionário, que não levará mais do que alguns minutos. As suas respostas são anónimas e a sua confidencialidade assegurada. Não há respostas “boas” ou “más”, nem respostas “certas” ou “erradas”. É a sua opinião enquanto português que interessa. Pedimos-lhe, por isso, que use esta oportunidade para fazer ouvir essa opinião. Muito obrigado pela sua colaboração.

1. Informação demográfica

1.1 Idade: _____ 1.2 Sexo: M ☐ F ☐ 1.3 Naturalidade: _____

1.4 Cumpru serviço militar? Sim ☐ Não ☐

1.4.1 Se sim, entre que anos? Entre _____/_____/_____ e _____/_____/_____
(mês) (ano) (mês) (ano)

1.5 Viveu em algum país de língua oficial portuguesa sem ser Portugal? Sim ☐ Não ☐

1.5.1 Se sim, qual? _____ 1.5.2 Quando? Entre _____/_____/_____ e _____/_____/_____
(mês) (ano) (mês) (ano)

2. A fim de conhecer a sua opinião, por favor assinale para cada afirmação abaixo uma cruz na opção com que mais concorda. As opções de resposta são 1 **discordo totalmente**, 2 **discordo**, 3 **discordo um pouco**, 4 **nem concordo nem discordo**, 5 **concordo um pouco**, 6 **concordo** e 7 **concordo totalmente**.

	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
Nenhuma guerra é positiva, mas a verdade é que a atuação dos Portugueses em África teve legitimidade.	1	2	3	4	5	6	7
É importante para mim ser português.	1	2	3	4	5	6	7
Quando falo com alguém de outro país costumo dizer “Nós” em vez de “Eles” para me referir aos Portugueses.	1	2	3	4	5	6	7
O que os africanos menos precisavam era de terem lá os portugueses a dizer-lhes o que deviam fazer.	1	2	3	4	5	6	7
Orgulho-me de ser português	1	2	3	4	5	6	7
Se pusermos de lado os preconceitos é forçoso admitir que a ação dos Portugueses em África foi necessária.	1	2	3	4	5	6	7
É compreensível que os Portugueses possam ter cometido atos de violência em resposta a certas manifestações de revolta.	1	2	3	4	5	6	7
A atuação dos Portugueses em África foi uma medida do governo da altura para disfarçar os problemas que se passavam em Portugal.	1	2	3	4	5	6	7

A verdade é que Portugueses deviam ter aceite a independência dos povos africanos mais cedo.	1	2	3	4	5	6	7
Vejo-me como um exemplo de um típico português.	1	2	3	4	5	6	7
É natural e aceitável que os Portugueses tenham reagido como reagiram aos ataques que sofreram em África na década de 1960.	1	2	3	4	5	6	7
Os movimentos de libertação em África contribuíram para trazer progresso a Portugal.	1	2	3	4	5	6	7

3. Por favor, leia o seguinte texto com atenção:

Numa entrevista a um jornal diário, **José Silva, um português / Erik Berg, um sueco** que testemunhou os conflitos de África na década de 1960, viajando entre Angola, Moçambique e a Guiné-Bissau em diferentes missões internacionais defendeu a imagem dos Portugueses em África como **heróis/colonialistas**, e citou um caso observado em continente africano:

“Vi os militares portugueses a cuidarem dos habitantes das aldeias pobres como podiam, dando-lhes a sua própria ração de combate e abdicando dos seus próprios medicamentos, pondo em causa a sua própria vida e até tratando dos feridos e doentes, sem olhar ao sexo ou à idade. Quer melhor prova de que os Portugueses são mesmo uns **heróis**?”

ou

“Vi os militares portugueses a cometerem atrocidades como roubar aldeias inteiras, violar raparigas indefesas e matar indiscriminadamente os habitantes das aldeias pobres, sem olhar ao sexo ou à idade. Quer melhor prova de que os Portugueses são mesmo uns **colonialistas**?”

3.1 Em sua opinião, este entrevistado parece-lhe ser...

(Assinalando com uma cruz (X) na resposta que melhor corresponde à sua opinião. As opções de resposta são 1 **discordo totalmente**, 2 **discordo**, 3 **discordo um pouco**, 4 **nem concordo nem discordo**, 5 **concordo um pouco**, 6 **concordo** e 7 **concordo totalmente**.)

	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
Justo	1	2	3	4	5	6	7
Honesto	1	2	3	4	5	6	7
Íntegro	1	2	3	4	5	6	7
Bem-intencionado	1	2	3	4	5	6	7
Sensato	1	2	3	4	5	6	7
Generoso	1	2	3	4	5	6	7
Simpático	1	2	3	4	5	6	7

3.2 Usando a **mesma forma de resposta**, por favor indique em que medida sentiu cada uma das emoções seguintes quando leu este texto

	Nada						Muito
Orgulho	1	2	3	4	5	6	7
Satisfação	1	2	3	4	5	6	7
Otimismo	1	2	3	4	5	6	7
Afeto	1	2	3	4	5	6	7
Simpatia	1	2	3	4	5	6	7
Raiva	1	2	3	4	5	6	7
Vergonha	1	2	3	4	5	6	7
Tristeza	1	2	3	4	5	6	7

3.3 Por fim, para cada afirmação abaixo assinale a casa que melhor corresponde à sua opinião.

	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
Gosto quando me dizem que eu sou um bom exemplo de um português.	1	2	3	4	5	6	7
Dizer que sou cidadão português é muito importante para mim.	1	2	3	4	5	6	7
Preferia ser português a ser de qualquer outro país	1	2	3	4	5	6	7
Fico orgulhoso quando dizem que os portugueses são bons em alguma coisa	1	2	3	4	5	6	7

4. Por último, gostaria de saber qual a sua opinião face à entrada de Portugal nas Guerras de África:

Muito obrigado pela participação!